

# A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

## PARIS

ESCRITORIO, 6, rue Saint-Petersbourg  
Anno. . . . . 24 francos

SUBSTRE. . . . . 12

AVULSO. . . . . 1

Se envi da Europa 11 francos por trimestre e 25 francos por anno.

4.<sup>o</sup> Anno. — Volume II. — Número 16.

PARIS 20 D'AGOSTO DE 1885

Director : MARIANO PINA

## RIO DE JANEIRO

GAZETA DE NOTICIAS, 70, R. do Ouvidor.  
Assinaturas

ANNO (CÓPIA) . . . . . 12.000

SUBSTRE. . . . . 6.000

ANNO (PROVINCIA) . . . . . 14.000

AVULSO . . . . . 500



EM VILLEGIATURA. — DESENHO DE ADRIEN MARIE.

# EXPOSIÇÃO DO BRAZIL

ANVERS

No próximo numero da ILLUSTRAÇÃO publicaremos as gravuras que representam a exposição do Brasil na Exposição universal de Anvers.



ESTHETICA NATURALISTA, por Julio Lourenço Pinto — Um volume. — Editores : Lopes & C.ª, Porto.

Que o distincto romancista da *Margarrida* me não leve a mal a franqueza, talvez rude... talvez jovial — com que vou fallar do seu ultimo livro — que acabo de ler com o mesmo interesse e a mesma sympathia com que sempre folheei os volumes do mesmo auctor que me tem vindo parar ás mãos.

Não vão agora pensar certos intrigantes que o fim a que me proponho é atacar o talento do sr. Julio Lourenço Pinto : — porque ainda me não esqueci do entusiasmo com que fiz publicar no antigo *Diario da Manhã*, de Lisboa, dias depois da appareição do livro, varias paginas do seu romance *Margarrida*. E ainda tenho presente o brilho do seu estilo oriental, o colorido ardente dos seus descriptivos : — porque o sr. Lourenço Pinto dispõe d'uma linguagem tão opulenta, que por vezes faz lembrar o estilo de certos livros de Zola, como a *Curée*, *Page d'Amour*, *Ventre de Paris*, onde certamente o romancista portuguez tem aprendido bastante...

O que eu julgo — e é este o fim d'esta *Chronica* — é que é chegado o momento de cada qual dizer o que pensa, acerca d'uma especie de *naturalismo morbus* que está prestes a dizimar a litteratura portugueza.

Dois illustres romancistas da nova reforma litteraria escreveram um dia este grande axioma, que infelizmente é pouco citado e ainda menos seguido pelos novos realistas :

*Aussitôt qu'il y a l'école de quelque chose, ce quelque chose n'est plus vivant.*

Esta phrase é a mais brilhante divisa d'uma completa independência litteraria.

Estude-se muito embora em Balzac, em Flaubert, nos Goncourt, em Daudet, em Zola ; estude-se conscienciosamente cada um d'estes romancistas ; vejão-se como elles procuram o seu assumpto, como analysam os seus personagens e os meios em que elles viviam ; analyse-se, com a attenção com que se analysa ao microscópio um ser infinitamente delicado, os seus estylos ; acompanhe-se esses estylos em todas as suas phrasas, em todas as suas ramificações, em todos os seus caprichos ; estude-se o rythmo das phrasas, a combinação das palavras, para ver de que modo chegam a dar-nos a sensação exacta do som, da cor e da curva — mas por Deus, não se siga nenhum d'elles, e o que ainda é mais — não se siga nenhuma escola!...

« Não se siga nenhuma escola! » — eis o grito que eu desejaria ver lançado em Portugal por algum que tivesse a autoridade e a influencia que Camillo, Eça ou Ramalho têm sobre os modernos escriptores! Para que a obra d'arte traga adstricto um ar de modo que é o que a faz envelhecer mais depressa e mais depressa se afundar nos abysmos da poesia das bibliothecas, — basta andar-lhe ligada a physiologia esthetica do seculo em que nasceu. Ora se além d'esta pecha, a obra d'arte ainda ha de trazer o cunho d'um escriptor ou d'um grupo mais predominante — então mais vale atirar com ella para o esgoto, porque a tempo que nos pode tomar é-nos reclamado de todos os lados por mil outras cousas que surgem a cada instante, n'este seculo de genio, de febre e de descobertas...

Cada movimento litterario ou artistico que se tem succedido na historia das gerações tem procurado sempre, aproveitando os elementos que herdou, descobrir novos modos de melhor interpretar e executar a obra d'arte. Parar um instante, isto é, parar meio seculo para só abrir a bocca diante do que produziram artistas geniaes... ou para os imitar, ou para os seguir — é um erro que não tem mais razão de ser, com os raios facéis de que hoje dispomos para uma solida educação intellectual.

Quem matou o Romantismo foram os seus proprios fetiches. E são ainda os fetiches que hão de matar o Realismo... Ha de parecer uma heresia prognosticar já hoje a morte do Realismo. E quem ousaria em 1840, mesmo em 1850, annunciar a morte do Romantismo?... Todavia elle cahido por terra, touro valente e entusiasta, que foi o espanto de duas gerações, escarnecido por muitos, respeitado e comprehendido por muito poucos...

O sr. Julio Lourenço Pinto, no seu novo livro, tambem lhe dá uma punhalhada. No Romantismo o sr. Lourenço Pinto é dos que ainda vêem apenas um « scenario de papelão » e « litteres emphaticos de óca rhetorica ». Não acho a acção generosa da parte d'um espirito que eu julgo tão lucido. Mas creio piamente que n'este ponto o sr. Lourenço Pinto tem complices! São as famosas criticas de Zola, dirigidas apparentemente contra Hugo, mas que visavam mais abaixo, á altura dos tacões do poeta, para esmagar aquelle grupo de hugolatrias de terceira especie, que andava pelos jornaes de Paris descreditando Flaubert, os Goncourt, Zola e até mesmo Balzac!

Quem conhecer um pouco assumptos litterarios e quem ler a *Esthetica realista* do sr. Lourenço Pinto, ha de comprehender facilmente que o Realismo em Portugal pode morrer pelo ridiculo.

O romance moderno não encontrando novos artistas independentes que o transformem e o aperfeiçoem, cairá nas mãos dos imitadores que o hão de desacreditar... E adeus para sempre, a bella renovação litteraria!

O sr. Lourenço Pinto já nos offerece uma *Esthetica*, uma gramatica, o quer que seja como um Manual de receitas para uso de todas as pessoas que apresentem exame de instrução primaria — tratando as letras como quem trata pasteis e guisados! Palavra d'honra que me está parecendo mais difficil fazer um *beef* de cebolada, do que fazer um romance naturalista!...

Ao ler a *Esthetica* achamo-nos diante d'um verdadeiro *mandarinato*, d'um verdadeiro grupo de letrados chinezes do Occidente. É o mesmo ar superior e orgulhoso quando alludem ás suas pessoas ; é o mesmo desdém attivo, misturado de compaixão postica, pelas classes inferiores, por todos quantos não fazem parte do *mandarinato realista*...

O sr. Lourenço Pinto tomou para si o grave papel cathedratico de mandarin-mór. Quanto

ao seu livro é o que entre os letrados chinezes merece o ambicionado e sonoro titulo de *King*. E vejão como o auctor falla de si :

«... Os Nossos TRABALHOS equidistantes da » comprehensão de uns e outros, não podem » satisfazer nem idealistas romanticos, nem ultra-realistas. »

Está-se diante d'um mandarin escrevendo o *King* do naturalismo, o *King* imperial, d'um mandarin que na nossa China litteraria deve conhecer nada menos de dez mil combinações de letras. É aquelle que em certas epochas do anno sae de Pekim, da corte, para ir ás principaes escolas das provincias traduzir os escriptos dos velhos letrados, a mandarins de segunda e terceira classe, coitados! — que apenas conhecem duas mil combinações de letras... É elle que nos vem explicar Shakespeare e Mme Ackermann, Stendhal e George Sand, Flaubert e Zola.

Sómente o sr. Lourenço Pinto escrevendo um livro para o mercado, não pensou n'uma cousa importante. Que ao publico o seu volume pouco interessa, attendendo a que o publico espera com muito mais ansiedade, que o sr. Luiz d'Araujo lhe diga em prosa rimada de que modo o Mourisca metteu um par de ferros curtos n'um boi desembolado — do que por um discurso de Renan... E na China litteraria do Occidente, apesar de me considerar o mais isolado dos mandarins de terceira classe, já ha muito que eu tinha conhecimento de tudo quanto o sr. Lourenço Pinto nos diz, — com a simples leitura dos livros de critica de Zola, de Taine e de Proudhon.

Mais outro defeito de quem professa a critica em Portugal : — é de cada vez que vae escrever uma pagina imaginar que vae escrever para ignorantes ; dizer cousas que ninguem ainda antes sabia ; atirar com opiniões que os auctores, confiantes na nossa ignorancia, imaginam que nós tomamos por absolutamente originaes, quando ha muito já as vimos aos trambolhões em todos os livros de critica. Este systema quando não é irritante, é divertido.

Pouco me incomoda o auctor que falla ao leitor com o tom impertigado de quem lhe vae dizer a cada instante :

— « Você é um burro! Convença-se de que é um burro!... Eu é que sou um homem de genio! Vou-lhe agora dizer cousas que você ainda não viu nem ouviu a nenhum outro mandarin. Abra a bocca, proste-se e escute! »

E quando o leitor se postar e se põe a escutar, meus amigos, ouve-se a mesma arenga de ha cincoenta annos. Ha leitores, como eu, que depois de lhes terem chamado burros, ainda sorriem... Ha outros, porém, que não estão para graças — e que pateiam! E d'estes que os auctores devem temer, e não dos que lhes fallam sinceramente, a *bonne franquette*, como este seu criado...

A *Esthetica realista* representa apenas o desejo — aliás louvavel — d'um homem de letras querer ensinar aos collegas o que se deve entender pela palavra *Arte*, pela palavra *Romance*, pela palavra *Litteratura*. Mas o auctor partio d'um erro. Considerou-nos a todos como uns ignorantes, e veio-nos dizer apenas o que nós todos ha muito já sabiamos...

Para novicos é que o seu livro vae ser uma novidade e um regulamento a seguir. Como regulamento litterario é que a *Esthetica* é bem perigosa. Ora veja o sr. Lourenço Pinto o resultado das proclamações aos jovens, das linhas de conducta, das prescripções litterarias de Zola. Todos os seus discipulos, mortos em trez annos!

Ninguém mais ouviu fallar de Paul Alexis,



de Huysmans, de Henri Céard e de outros. E com tudo cada um d'elles tinha talento, cada um d'elles poderia romper, se não tivessem accedido este credo naturalista que os esterilizou e os inutilizou para sempre... São os propositos que se tiram em seguir uma escola ou um artista creador.

Quando o noviço pensa que está vivendo para as letras, o insensato tem-se apenas suicidado!...

\*\*

Na *Esthetica realista* o sr. Lourenço Pinto cita gravemente dois auctores, como quem citaria dois mandarinicos famosos pelos seus conceitos e aguda perspicacia, dentre os mais famosos do Celeste. São os srs. Silva Pinto e Reis Damaso.

Apresenta o primeiro como um trabalhador « consciencioso e erudito », o unico que soube dividir em dois grupos os escriptores realistas — « psychologistas que tem por principaes representantes Balzac e Stendhal, e physiologistas que se filiam em Flaubert e Zola ». Ora a verdade é que o sr. Silva Pinto quando inventou a famosa classificação, já ella estava feita em França, e era já moeda tão corrente e tão usada que nem se sabia o nome do auctor!

Mas se me não engano, os meus leitores encontram a tal classificação nos artigos mais antigos de Zola, aquellos que o romancista escreveu antes da guerra, quando era apenas um ignorado.

Quando ao mandarmos sr. Reis Damaso, mandarmos que pela primeira vez vejo citado como auctoridade em cousas litterarias, tambem me parece que o supra-citado mandarmos nada inventou e nada descobriu. Diz-nos o auctor da *Esthetica* que o sr. Reis Damaso « dá a precedencia na moderna evolução da arte portugueza, a Julio Diniz »; — e apparece-nos o sr. Reis Damaso a reclamar imperiosamente a admiração para Julio Diniz, como Zola impoñdo ao publico Stendhal e Balzac. A verdade é que Julio Diniz em muito pouco concurreu, direi mesmo: em nada concurreu para o movimento realista em Portugal. Tudo pario do *Crime do Padre Amaro* e da heroica campanha das *Farpas*. Occultal-o, seria uma certa revoltante injustiça. Foram Eça e Ramalho os primeiros que fallaram com enthusiasmo de Proudhon, de Taine, de Flaubert e de Zola. Foram elles que semearam em Portugal as modernas doutrinas litterarias, depois das suas viagens a França.

Quanto a Julio Diniz, ja não tem lugar a reparação do sr. Damaso, porque o mais bello elogio que se lhe fez em lingua portugueza, foi o que as *Farpas* publicou. Mas Julio Diniz, em Portugal, pertence a uma certa camada de romancistas que não fazem parte das revoluções litterarias, que estão sempre fóra de todas as questões, como Léon Gozlan no tempo de Gautier, como Champfleuri no tempo de Flaubert, como Ferdinand Fabre e André Theuriot no tempo de Zola.

Nem auxilium, nem fazem opposição a qualquer movimento. Para elles a litteratura não é, nunca foi, uma lucta de todos os instantes. É a pura satisfação de delicados appetites litterarios que exigem d'esses homens que sejam artistas até ás pontas dos cabelos, sem contudo se intrometerem nas questões e nas batalhas do dia. Julio Diniz foi isto mesmo, diga o que disser o sr. Reis Damaso. Só Eça de Queiroz é que foi o innovador.

\*\*

A *Esthetica realista* apesar do seu bom cabedal de erudição, traz varios erros que uma segunda edição certamente ha de espurgar. D'entre varios que annotei, sem contar as contradicções em que o auctor algumas vezes cae, ha um que

eu me atrevo a transcrever, para mostrar ao sr. Lourenço Pinto os perigos em que incorrem todos quantos estão atacados do *naturalismo morboso*.

« Um observador fiel n'uma arvore, nunca poderá ver outra cousa que não seja uma arvore (sic!!); mas os tons de cor e de luz é que poderão variar segundo a natureza e valor dos dons artisticos peculiares a cada temperamento. É n'esta maneira de observar a realidade que reside o ideal dos realistas.

Como vêem o sr. Lourenço Pinto confunde ideal com *caracter individual*, com *personalidade*. N'um concurso de pintura o ponto é o mesmo para todos os concorrentes. Aquillo que entre si distingue as obras d'arte, a maneira que cada qual tem de pintar a natureza, é o que o sr. Lourenço Pinto chama ideal.

Acanhando ideal na verdade! Pois quer S. Ex. saber qual é o meu, qual é a minha maior aspiração?

É que todos os rapazes do meu tempo, mais ou menos mordidos pela febre das letras, não pensem um instante sequer em ser realistas!

O que eu desejo é que todos elles atirem com todas as estheticas para casa do diabo; que leiam Cervantes e Rabelais, Shakespeare e Dante, Camões e Goethe, Hugo e Molière, Flaubert e Balzac, Goncourt e Zola; que frequentem todos os museus da Hespanha, da França e dos Paizes Baixos; que leiam todos os systemas de philosophia desde Spinoza até Shopenhauer; que possuam uma grande independencia e uma grande cultura intellectual; e que escrevam o que lhes disser o espirito culto e o coração amante...

Nada d'obras d'arte, d'obras litterarias, obediendo a processos fatias, como qualquer operução algebrica. Nem moldes, nem fórmulas, nem cadinhos! Nada! Absoluta independencia, absoluta liberdade d'espirito!

Romancistas physiologistas e romancistas psychologistas, tudo isso são classificações para assustar o publico! Ponhamos de parte uma certa hypocrisia que ainda nos cobre, e digamos francamente aos novos, aos que começam, que só ha obras-primas quando o romancista deixou no livro, não uma parte da sua sciencia e da sua erudição, mas uma parte do seu proprio ser.

Eça de Queiroz disse na minha presença a Emilio Zola:

— Querido mestre! Que soberba obra o *Germanial*! Como se sente que traz alguma cousa de si mesmo!...

E o illustre romancista sentio-se feliz, por ter diante de si um homem que comprehendia a impossibilidade de escrever um tal romance, sem n'elle se deixar um pedaço do coração!

\*\*

Que o sr. Julio Lourenço Pinto me não leve a mal a franqueza... A minha admiração é grande por quem escreveu a *Margarida*. Mas a sua *Esthetica* considero-a como um livro perigoso, mais perigoso que um livro de Shopenhauer entre mãos inexperientes; se por ventura os novos a vão seguir. Se isto acontecer, teremos dentro em breve uma camada de decadentes — em todo o caso divertidos, pelas theorias que hão de professar e pelas cousas comicas que hão de escrever.

Estou até mesmo em dizer que é conveniente semelhante resultado. Mais forte ha de ser a reacção do bom senso e do bom gosto!

MARLANO PINA.



## VILLEGIATURA

ESTAMOS na epocha em que todas as capitales ficam desertas. em que Paris fogiu para o campo e para estas praias famosas que se chamam Etretat, Dieppe, Trouville, Biarritz, ou para o norte Ostende, e mais para o norte Shevenning; em que Lisboa tambem foge aos terribes calores de agosto e de setembro indo banhar-se para Cascaes, para a Figueira, para Espinho e para a Foz, estas duas praias elegantes do norte de Portugal. Nas cidades os theatros estão fechados, cahiu o panno por muito tempo sobre as comedias do pulcro; e as comedias da vida so agora as encontramos nos campos, ou sobre a areia dourada das nossas praias, tendo por fundo o immenso azul do Oceano, tendo por bastidores estes immensos e rumorosos pinhaes onde o vento entoa deliciosas symphonias...

Estamos em plena vida de pic-nics. Só se pensa em passar alegremente as horas; em esquecer esta vida mais ou menos atirulhada em que todos andam empenhados quasi todo o anno, esta lucta infernal para a conquista do ouro, com o qual tudo he se compra, tudo, mesmo felicidade, e ás vezes mesmo o amor! Todos procuram retemperar as suas forças, distrahir o espirito em alegres passeios ou pittorescas viagens, procurando mesmo coragem para recommear amanhã as grandes batalhas da vida.

A deliciosa creatura que a nossa gravura representa é uma d'estas felizes castellas a quem a Providencia não só deu fortuna, mas a quem tambem brindou com um gracioso bebé. Sob as arvores frondosas do seu parque, entre flores silvestres, como ella balança com amor, como ella olha com ternura a criança adorada a cujos pés repousa um doce e fiel companheiro... Os seus pensamentos estão bem longe da capital tumultuosa, longe das festas, longe das fadigas da vida do salão; goza como sabem gozar as mães, e a sua alma tranquilla sonha no futuro reservado ao ser estremecido. Que a sua vida inteira seja tão serena como a ondulação d'este hamac, é o que ella deseja, é o que ella ambiciona; e enquanto as tempestades não chegam, lá está no seu posto, confiante na sua mão e na de Deus, para proteger esta fresca e desculdade mocidade...

## QUATRO RETRATOS DE V. HUGO

SE RIAM precisos alguns vinte numeros da ILUSTRAÇÃO para poder reunir todas as gravuras que se publicaram nos jornaes francezes por occasião da morte do poeta, de quem hoje se occupa o nosso illustre collaborador Eça de Queiroz.

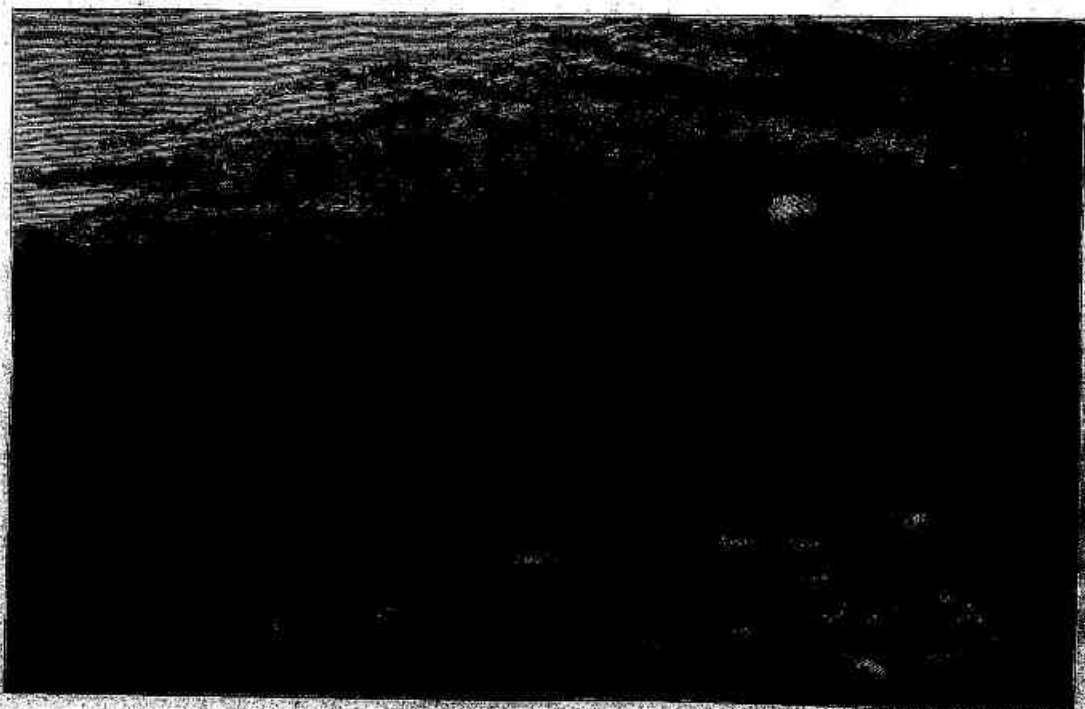
Muitas das gravuras já publicadas pela ILUSTRAÇÃO tivemos de as reduzir a metade e a um quarto, pelo processo photographico, sem o que ellas não poderiam ter tido cabimento nas nossas paginas. E hoje, que o romancista do *Primo Basilio* nos dá a honra de se occupar na nossa revista do auctor dos *Miseraveis*, pareceu-nos curioso desenterrar quatro retratos de Victor Hugo, tirados em diferentes epochas, e onde se vêem quatro Hugos em nada parecidos com o famoso Hugo de Bonnet publicado no n.º 14 — 1.º anno da ILUSTRAÇÃO, ou com o Hugo de Bastien-Lepage primorosamente gravado do desenho original do malogrado artista por Ch. Baude, o publicado no n.º 11 — 2.º anno.

D'este modo os nossos leitores podem ter a firme certeza de que possuem a mais curiosa e a mais completa collecção de gravuras que dizem respeito ao extraordinario poeta dos *Châtiments*.

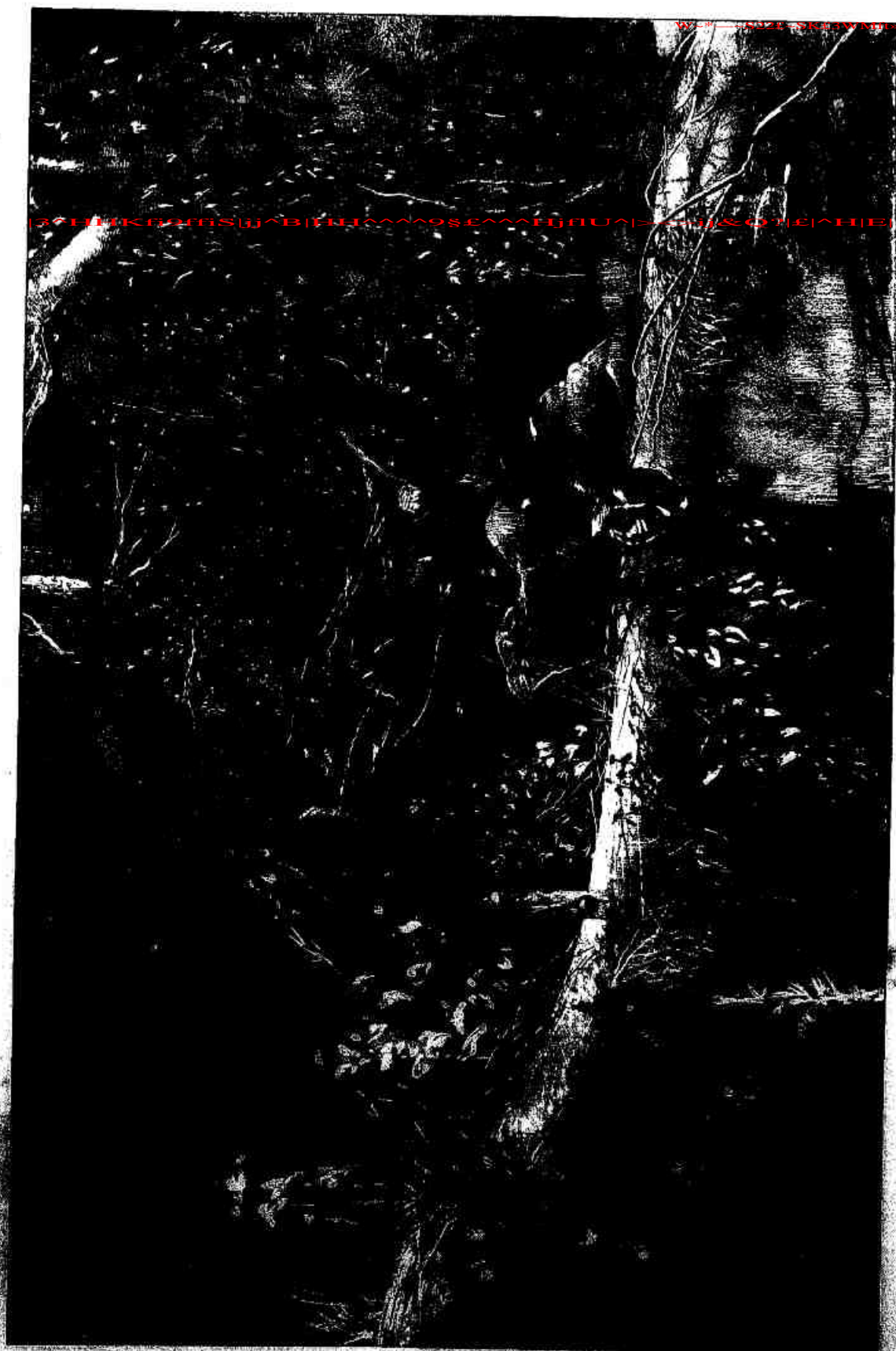
E tambem, para completar a pagina, fomos obrigados a authorização d'um dos primeiros colleccionistas



QUATRO RETRATOS DE VICTOR HUGO



UM DESENHO ORIGINAL DE V. HUGO. — Uma tempestade

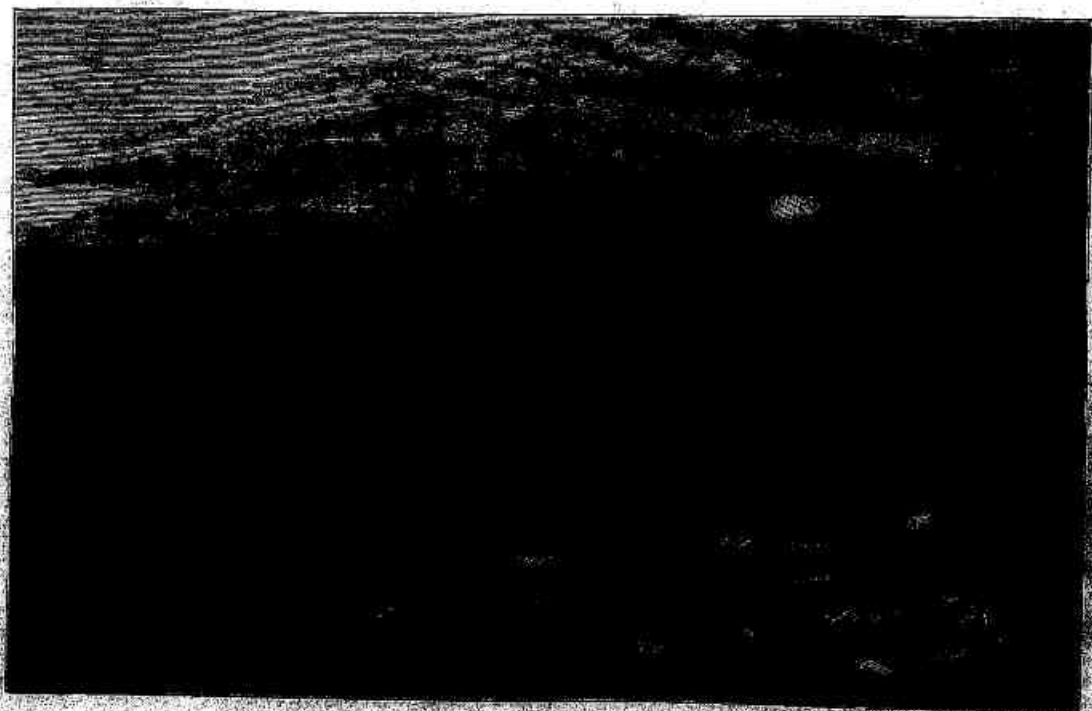


BRAZIL. — UMA PONTE RUSTICA. — Desenho original do nosso collaborador F. Villeça





QUATRO RETRATOS DE VICTOR HUGO



UM DESENHO ORIGINAL DE V. HUGO. — Uma tempestade



BRAZIL. — UMA PONTE RUSTICA. — Desenho original do nosso collaborador F. Villaga

de Paris, para podermos reproduzir um outro desenho de Victor Hugo. Estas authorizações não são fáceis d'obter, por que ha colleccionadores — e estes são em grande numero — que sustentam que uma obra rara que se divulga pela gravura ou pela photographia perde uma parte, não do seu valor estimoativo, mas do seu valor real, no dia em que vá ao mercado. Ora os colleccionadores dos desenhos de Hugo são avaros das suas propriedades — mas n'um d'elles encontramos extrema amabilidade, e a ILUSTRAÇÃO offerece hoje aos seus leitores mais um desenho de Hugo, um d'estes desenhos onde parece que se revela inteiramente o caracter mysterioso e dramatico do artista que escreveu os *Operarios do mar*.

**Errata.** — Quando nos numeros dedicados a Victor Hugo demos conta das manifestações de portuguezes e de brasileiros, esqueceu-nos mencionar o nome do nosso querido amigo e brilhante collaborador Joaquim d'Araujo, o delicado poeta da *Lyra intima*. Em seu nome, o sr. barão de Tournoulon, redactor em chefe da *Revue du Monde Latin*, depôs uma magnifica corda de louros na camara ardente do grande poeta do seculo XIX.

### BRAZIL. — UMA PONTE RUSTICA

**A** VELHA arvore colossal cahiu, ferida por um ralo, ligando um despenhadeiro a outro despenhadeiro. Em baixo, o abysmo, e d'este inferno só se ouve o rumor confuso das aguas, correndo de pedra em pedra, de precipicio em precipicio... Pouco a pouco vieram as línhas, a velha arvore de novo brotou, de novo enraizou, mas agora para servir de passagem n'um sitio que ha pouco ainda era impenetravel. É assim que se formam as pontes rusticas nas florestas exuberantes e pujantissimas do Brazil.

Toda esta vegetação maravilhosa é traduzida com immensa verdade pelo lapis do nosso collaborador Francisco Villaga, de quem vamos publicar uma interessante serie de desenhos originaes, que tão apreciados são dos nossos leitores.

### A LIÇÃO DE PESCA

**D**ELICIOSO e risonho quadro que hoje offerecemos aos nossos leitores teve um extraordinario successo no *Salon* de Paris quando ali foi exposto ultimamente. É uma verdadeira preciosidade artistica, e é tambem uma pagina de grande actualidade, no momento em que está em plena effervescência a vida das praias.

Se os nossos queridos leitores se quizerem dar a um pequenino trabalho de memoria, hão de ver que em todas as estações do anno a ILUSTRAÇÃO tem sempre procurado offerecer-lhes paginas allusivas, reunindo n'um só numero as scenas e os acontecimentos mais predominantes. No anno findo offerecemos-lhes um numero exclusivamente consagrado á vida das praias e do campo; e acompanhando a marcha dos acontecimentos importantes que surgiram demos um numero todo consagrado á China e outro ao cholera; tambem não esquecemos o Natal, nem o Carnaval; e este anno todos se lembram do interesse com que foi acolhido o nosso numero extraordinario do *Salon*, um verdadeiro arrojio entre publicações como a nossa impressas em lingua portugueza; e os numeros dedicados a Victor Hugo, sendo a ILUSTRAÇÃO o unico jornal em portuguez que deixou um mais curioso documento d'estes famosos funeraes feitos ao poeta mais extraordinario do nosso seculo.

E hoje novamente procuramos uma brilhante actualidade para os mezes de villégiatura. É o notavel quadro de Alfred Guillon, um dos pintores mais sympathicos da nova geração d'artistas francezes.

Ancorada, em pleno mar calmo, unido como um lago, e salpicado de todos os lados pelas silhouettes das embarcações que se desenhavam n'um céu claro, a barca do primeiro plano está immovel.

Um velho marinheiro abre um peixe que o varol segura solidamente á linha, que acabam de puxar. O pescador está todo entregue, com uma gravidade

quasi solemne, a esta operação que captiva immenso a encantadora mulher senada junto d'elle, n'uma attitude concentrada. A sua mão segura ainda a linha que servio para a famosa captura. Se ella visse a pesca miraculosa de que falla a Biblia, certamente que não gosaria tamanho prazer. O artista reproduzio a sua scena com uma habillidade e uma distincção extraordinarias. O seu pincel offerece-nos um verdadeiro poema, cheio de grandes qualidades d'observação e d'uma sciencia de execução indiscutivel. É um soberbo quadro do genero, precioso pela sua composição espirituosa e brilhante.

E o nosso assiduo collaborador Ch. Baude que ainda no numero passado nos offereceu o magnifico retrato de Pinheiro Chagas que a ILUSTRAÇÃO publicou — reproduzio o quadro de Guillon com esta superioridade e consciencia artistica que fazem d'elle um dos artistas mais celebres da nossa epocha.

### O DR. FERRAN

**L**AYME Ferran, o medico hespanhol que acaba de obter uma reputação europeia com a sua vacinação do cholera, nasceu em Corbera (Tarragona).

A sua residencia actual, ou antes a da sua familia, é em Tortosa. O gabinete para consultas e o laboratorio que tem sido visitado por medicos portuguezes, francezes, belgas e inglezes — acham-se installados n'uma casa de construcção moderna nas margens do Ebro.

O laboratorio é uma camara escura de cerca de doze metros de superficie, sem outra abertura que uma porta communicando com o gabinete.

O doutor Ferran tem trinta e sete annos de idade. Apesar de ser numerosa a sua clientela em Tortosa, ha muito tempo que elle empregava uma parte do seu tempo em conscienciosos estudos dos trabalhos de Pasteur, chegando a preparar com este, as diferentes vacinas do carvão, do cholera das gallinhas, etc.

Quando o cholera rebentou em Toulon (França) o dr. Ferran foi escolhido pela municipalidade de Barcelona e mandado com uma commissão para estudar a terrivel epidemia.

Foi por esta occasião que elle reuniu uma grande porção de dejectos cholicos e, quando voltou para Hespanha, multiplicou as suas experiencias. Depois d'algumas tentativas sobre diferentes animaes, inoculou em si o terrivel mal, repetidas vezes, observando que a cada nova inoculação as perturbações diminuiam de intensidade, chegando a serem nullas.

Muitos dos seus amigos, animados com este exemplo, submeteram-se á experiencia e puderam notar os mesmos factos.

A partir d'ahi, a importancia da descoberta e a sua utilidade pareceram factos consumados para a sciencia.

O rei e o governo hespanhol foram prevenidos da descoberta por um relatório communicado á Academia de medicina. Depois o cholera rebentou em Hespanha, e o dr. Ferran pôde continuar em larga escala as suas experiencias. Já sabem o resto os nossos leitores. O doutor tem vaccinado mais de 40,000 pessoas e, não obstante certas contestações, a efficacia do seu systema parece demonstrada. E se assim é, o dr. Ferran alcança uma bella victoria, e o seu nome ficará ligado a uma das descobertas scientificas mais notaveis do nosso seculo.

### BARÃO DE THERESOPOLIS

**D**RA. FRANCISCO Ferreira de Abreu nasceu na provincia do Rio Grande do Sul, Brazil, em 18 de novembro de 1833.

Formou-se na faculdade de medicina, na cidade do Rio de Janeiro em 1856; e depois, em Paris, em 1859.

Voltando para o Brazil, foi nomeado lente cathedratico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, por concurso, em 1858. Em 1864 foi nomeado medico de Sua Magestade o Imperador, merecendo a carta de conselho, pelos seus relevantes serviços, em 1866.

Mais tarde foi professor de Chimica e Physica de Suas Altezas as princezas Imperiaes; em 1873 foi agraciado com o titulo de *Barão de Theresopolis*. Era commendador da ordem da *Rosa* e cavalleiro do *Christo do Brazil*; e commendador da ordem do *Christo* do Portugal.

O barão de Theresopolis ha muito que habitava em Paris, e não só era grande no Brazil a sua reputação como um dos primeiros medicos do Imperio, mas ora tambem immensamente considerado em França, na Academia de medicina e na Academia das sciencias, onde foi lido um seu notavel estudo intitulado *Recherche sur les poisons metalliques*, o que lhe valeu ser o seu nome inscripto na lista dos *savants étrangers*, onde são apenas inscriptos os homens de sciencia cujos trabalhos a Academia approvou e elogiou em assembleia.

O barão de Theresopolis era de ordinario o representante official do Brazil em quasi todos os congressos scientificos que se realisavam na Europa, e nos quaes tomava sempre uma parte muito activa. Tambem contribuiu, muito, para a propaganda do café do Brazil nos mercados europeus.

O barão de Theresopolis morreu em Paris no dia 14 de julho findo. Foi enterrado no cemiterio de Batignolles, e ao seu enterro compareceram os membros mais notaveis da colonia brasileira de Paris, e varias notabilidades medicas de França.

### NO RIO LESSEPS

**C**OMO os nossos leitores veem pela gravura que publicamos em outro lugar d'esta folha, não é tão divertido como possa parecer á primeira vista uma viagem pelo rio Lesseps e pour outros rios da America, onde ás vezes se internam os exploradores europeus.

Um dos sitios da America do sul para onde se dirigem mais explorações scientificas é para o Amazonas. Paiz ainda em parte desconhecido, é ahi que a lenda colloca o Eldorado, cujos palacios em ouro massiço se reflectem nas ondas dos lagos seductores. Mas até hoje ainda nenhum viajante encontrou esses famosos palacios; somente uma riqueza assombrosa de sóto, de fauna e de flora.

A viagem pelos paizes meio ignorados da America, sendo immensamente pictoresca, é ás vezes immensamente arriscada. A nossa gravura representa uma scena que por ser muito vulgar, não é por isso menos tragica. A jangada desce o rio. Os exploradores tomam as suas notas, coordenam as suas observações, observam a surpreendente paisagem. O guia, o negro fiel, dorme tranquillamente. Já de longe que o jacaré o vem espreitando. A jangada desce morosamente; o jacaré aproxima-se pouco a pouco da sua victima, e n'um instante, agarrado pelas pernas e leva-o para o fundo do rio. Minutos depois só se vê sobre a agua algumas manchas de sangue — e é tudo...

O desenho da nossa gravura foi-nos communicado pelo irmão d'um distincto explorador francez, agora internado no alto Amazonas.

### NEM CINCO REIS!

**H**A todo um mundo de sensações, de desejos, de espantos e de desespero, n'estas attitudes petrificadas das duas creanças paradas diante da seductora exposição d'este velho negociante d'imagens. Nem cinco reis para comprar um boneco! E a figura do velho é impassivel, como a figura d'um carrasco...

Os tipos reproduzidos pelo pincel de Buland são d'uma verdade extrema. As duas creanças são encantadoras na sua tristeza e na sua serenidade; e o vendilhão é apanhado em flagrante verdade e com muita bonhomia.

Quando esta tela appareceu no *Salon* sob o titulo de *Pau le sou!* o publico de Paris applaudiu-a com enthusiasmo, e a critica parisiense recou-the-largos elogios. Era um quadro que não podia faltar na galeria da ILUSTRAÇÃO, tratado pelo delicadissimo buril do nosso collaborador Ch. Baude.





A LIÇÃO DE PESCA. — Quadro de Pedro Guillou. — Gravura de Ch. Baude.





## UMA CARTA

BOMER

## VICTOR HUGO

Como a *Illustration* desejasse oferecer aos seus leitores um trabalho eminentemente original entre a alluvia de artigos que se tem publicando acerca do poeta dos *Châtiments* — escrevi para Inglaterra o meu illustre amigo Eça de Queiroz, pedindo-lhe que nos contasse que impressão causara a obra de Victor Hugo entre os homens do seu tempo, os homens que assistiram a essa epocha curiosa da politica franceza, quando o segundo império mandava para o exílio todos os homens de génio, desde Proudhon até Victor Hugo. A excessiva modestia do grande romancista portuguez levou-o a responder primeiro, que se desculpava do encargo por não saber que dizer no momento doloroso em que todos os admiradores da Hugo olhavam para o veneravel cadaver, os olhos arrastados de lagrimas. Ora como um admirador da Hugo tem por principal condicção ser terraz... para não empregar outro termo mais feio ao referir-me á minha pessoa, por exemplo: massador! — nova carta para Brissol... Mas como entre nós ha uma coisa que vence todas as difficuldades — uma solida amizade: — invocou a Amizade a carta não podia deixar de não vir. E veio — toda cheia de entrelinhos, de rasuras, de margens cheias de erratas, absolutamente no seu primeiro estado, para satisfazer á urgência d'um jornal. — Dito isto, devo ainda dizer que a *Illustration* se orgulha por ter a subida honra de ver mais uma vez nas suas columnas o nome festejado de Eça de Queiroz; que o amigo apenas, reconhecido, a mão do amigo tão prodigioso em riza pressantes; e que o director da *Illustration* felicita o seu publico pela primorosa epistola que segue...

M. P.

## Meu caro amigo



QUANDO Paris se preparava, com um patriotismo ruído, a celebrar a deliberação cívica de Victor Hugo — V. desejou que fosse eu, devoto do Mestre, quem recordasse na *Illustration* a genial grandeza do homem e da sua obra. Respondi-lhe que, n'esse momento, eu sentia apenas a mesma emoção confusa, que agitava Paris — e que só saberia juntar-me ao tumulto da glorificação, offerecendo a minha pobre palma verde, e deitando também alguns grãos d'incenso sobre as chaminas sagradas. E hoje que a apothecose do epico dos *Misérables* parece já tão remota como a corrupção do prosador da *Henriade*, descubro ainda, perante a sua amável insistência em conhecer qual foi a acção de Hugo na minha geração literaria — que este fanatismo do Mestre, de que não me quero curar, m'imprime toda a critica lucida e calma.

Eu admiro Victor Hugo, meu amigo, justamente como elle admirava Shakespeare — *comme une brute*. Amo-o em toda a sua luz solar e em todas as suas estranhas manchas: mesmo deante d'aquelles lados da sua vida e da sua obra, donde todos se retiram, impudentes e sorrindo, eu permaneço obtusamente prostrado. Eu sou, meu amigo, dos que acreditam ainda na sociologie de Hugo! Já vê V. que a *Illustration* nada tem a ganhar com as opiniões d'uma pessoa tão embruteada na sua superstição.

Nem sei mesmo, francamente, o que V. deseja averiguar — a influencia que Hugo teve na minha geração literaria; a não ser a influencia geral que elle exerceu na litteratura franceza, de que a nossa é um reflexo ao mesmo tempo

bisonho e affectado. Os meus mais queridos camaradas de letrea (com excepção do poeta, irmão de Juvenal, que escreveu a *Morte de D. João*, nem jamais se impregnaram de Hugo, nem mesmo o admiram senão incidentalmente, pela sua fortaleza de luctador e pelo raro poder do seu verbo lyrico: de resto mantem por elle uma respeitosa aversão.

Não é para uma curta familiar explicar esta dissidência dos meus amigos em que entram razões de philosophia e razões de temperamento: basta dizer que a um d'elles, um dos mais nobres e altos espiritos criticos do nosso tempo, ouvi eu, com inexpressivel horror chamar ao Mestre « papaião de génio » e « foco d'infeccção espiritista »; e outro, a quem coube a gloria de ressuscitar o velho Portugal historico que dormia no fundo de vetustas chirozicas coberto de rapé de frade, pintou-nas Hugo recentemente, no prelogo d'um livro de versos, como um enorme Silem, horravel d'emphase, poado á bocca um cantaro colossal a transbordar de rethorica.

Enquanto á geração mais moça, primavera sagrada que dá a sua flor n'esses escriptos publicados todos as manhãs, como diz pudicamente o arcebispo de Paris — essa allude sempre a Hugo mysteriosamente, chamando-lhe o « Titão », a « collossão », a « aguilão », o « volcão ». Não se pode saber por taes exclamações qual seja a impressão que lhes deixou a *Lettre des Seculos*; por que esta maneira de fallar d'um poeta, tratando-o de « volcão » é apenas um modo inabitual de se desembaraçar do severo dever de o comprehender. Supponho que a influencia d'Hugo, entre nós, se manifestou sobretudo na imitação d'aquillo que mais nos importa como meridiones — a forma, a imagem, a maneira luxuosa de enroupar a ideia... Homens voluptuosos do paiz do sol, amando principalmente os sons e as cores, n'um poeta admiramos apenas o brilho do verbo no que elle tem de mais material: por isso em Hugo applicamos-nos principalmente a arremedar o modo estridente e lampejante de chocar a antithese. Creio que não nos preoccupamos de mais nada — como recentemente, no Naturalismo, de todo indifferente aos novos methodos d'analyse que elle trazia, apressamo-nos apenas a contrahir os seus feitiços inesperados de traço e de colorido. Em todas as evoluções da Arte nós nunca aproveitamos com os principios, e ficamos sempre com os maneirismos.

Em quanto á influencia que Hugo teve em mim, vale por accusa a pena, caro amigo, memorar cousa tão pessoal e tão desinteressante? Eu aprendi quasi a ler nas obras d'Hugo: e de tal modo cada uma d'ellas me penetrou, que como outros podiam recordar epochas de vidu ou estados d'espirito, por um aroma ou por uma melodia, eu revejo de repente ao rellar antigos versos de Hugo, todo um passado, paizagens, casas que habitei, occupações e sentimentos mortos... Foi realmente creio dentro da obra do Mestre — como se pode ser creado n'uma floresta: recebi a minha educação do rumor das suas odes, dos largos sopros da sua colera, do confuso terror do seu deismo, da graça da sua piedade, e das luminosas nevens do seu humanitarismo. Tudo isto erguia em torno de mim como uma floresta: e ella communicou-me, para bem ou para mal, muito do seu vago, das suas sombras e das suas injustificáveis visões. Foram meus, com paixão, os seus odios; e corri enlevado azeiz do voo lyrico dos seus enthusiasmos. E assim que sempre fiquei detestando esse personagem surrumbatico e narigudo, que dá pelo nome equivoco de Napoleão III, nas sentinas da Historia — sem que de nada me tivesse servido o verificar mais tarde que elle era apenas no fundo um pobre Gasar, chimerico, hypochondriaco, debochado e banal. E assim que me conservei acreditando dedicadamente nos Estados-Unidos da Europa, mesmo quando amigos caritativos me procuravam arrancar, com supplicas e sarcasmos, para fóra d'essa creança infan-

til. Acompanhei Hugo na sua indulgencia arrebatada por todos os transviados, todos os vendicados, e todos os miseráveis. O Deismo d'Hugo foi o meu; como elle tive fe no Messianismo da França — e um horror irracional, indomável, a esse quartel bezuntado de metaphysica quística para além do Kheon. Kis a minha lamentavel confissão. E humilhante; dá-me a apparecia d'uma heresia reles, tremula junto ás raizes d'um cedro, e vivendo dos restos da sua seiva. Tem havido, é certo, breves revoltas na minha idolatria. O mesmo povo d'Israel com todo a seu frenetico paizal por Jeheruth — achava ás vezes intoleravel. E quando eu via ultimamente Hugo morar o venerando e santo Darwin, como um ingloz petulante e vão, de monocello e de lousas amarellas, que passava por excentricidade e humorismo, um rabo de macaco nas costas do homem — deixava pender a cabeça entre as mãos, cheio de vergonha e dor... Mas enfim, ainda realiso com sufficiente perfeição o typo do *Hugolatras*. Para mim o Mestre permanece excoito e augusto entre os homens, *de indomito comme une brute*.

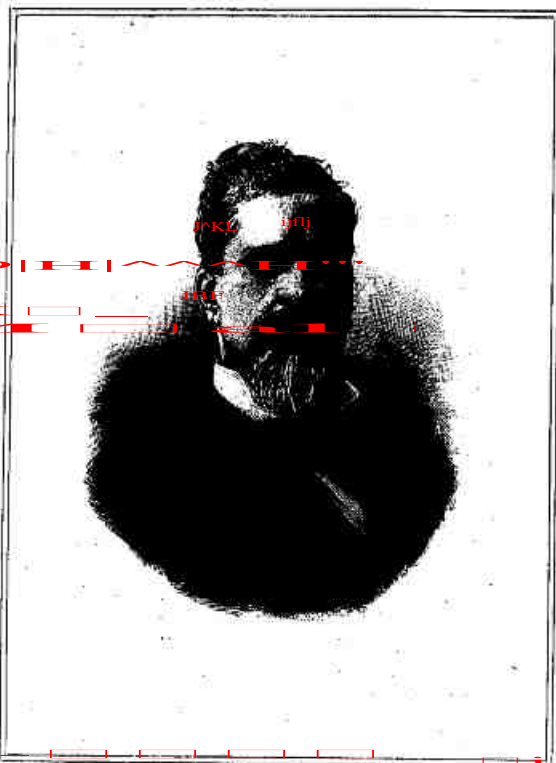
Amo toda a sua obra — romance, satyra, drama, visão, paena, critica, discurso, cântico e câmpio da rua. Elle impõe-se-me pela sua grandiosa e harmoniosa unidade. Hugo é um poeta epico; e n'elle tudo, ou seja romance social, ou estrophe a Jeanne, ou estudo sobre Voltaire — toma a forma epica. Toda a sua obra é de facto uma vasta epopeia, em mil fragmentos, de prosa e de verso, tendo por assumpto a lucta do Homem e da Fatalidade — fatalidade da Natureza, fatalidade da Religião, fatalidade da Sociedade.

Pode por vezes pintar este formidavel combate n'uma completa e pathetica historia como os *Travaux de la Mer*; pode murmurar-lhe apenas uma fugitiva e tremula impressão junto d'um berço, ou vendo no campo os semeadores deitar o grão á terra. Mas estrophe d'aviõ enternecida, ou larga impressão de propheta, tudo penanceia á mesma epopeia.

Essa dolorosa batalha do Homem e da Fatalidade — Hugo não a analysa, nem a explica. Canta-a com a exaltação d'um bárbaro — ora cheio d'infinita compaixão, ora tomado d'infinita colera. Sob a indignação ou sob a piedade, porém, palpita sempre e fortemente a certeza da definitiva victoria do Homem: — e elle vê-o enfim, em todo o esplendor d'um Adão perfeito, desembaraçado das Religiões, mascarado suffocantes e falsos do rosto de Deus, livre de Realeza, forro de todas as servidões sociais, quasi libertado das leis mesmas que fixam os seus pés á terra e remontado ás nuvens nas invensões do seculo xx. Esta affirmacão do triumpho ultimo d'Adão é toda a sua *Philosophie*: — e toda a sua prodigiosa Arte foi empregada em contar os heroísmos e os desfallecimentos d'essa desesperada ascensão para a luz.

Para dizer tão sublime conflicto — elle creou o verbo mais poderoso e mais bello que jamais, creio eu, encantou ouvidos humanos. A lingua polida e sobria de Ronsard, de Racine, de Voltaire, admiravelmente trabalhada para exprimir sentimentos medianos e equilibrados, e por isso perfeita como instrumento de critica — seria ineffectivamente impotente para esta esforçada Epopeia. Teve por isso de construir outra linguagem que podesse traduzir todo o Homem, toda a Natureza, nos seus mais reversos extremos, desde o bestial ao divino: tão fina, delicada e transparente, que n'ella podesse transmitir-se, sem se evaporar, o aroma d'uma simples flor silvestre; tão forte e resplandecente que, através d'elle, ganhassem em brilho e força o diamante e o ouro; tão doçil, penetrante, transcendente, que podesse modelar o invisível e dizer o indizível. Hugo disse o indizível, desde o espaço scismar dos olhos azues d'uma creança, até ás cordas de vento que varrem o mar da Mancha... Por isso, quando considero esta assombrosa epopeia, agitando a mais alta questão que se pode levantar ante os homens, e cantada, ao som de





O DR. FERRÃO O BARÃO DE THEBESOPOLIS



AMERIXA. — COMO SE VIAVA NO RIO LESSEPS





NEM CINCO REIS!... — Quadro de Buland. — Gravura do Baudé.



Lyra de mil cordas, n'uma lingua como jamais houve outra na terra — parece-me que os meus amigos queridos exageram, dizendo que este homem que assim pensou, este homem que assim falou — era um « papavo genial » e um « Sileno borracho d'emphase... »

Sim, de certo, Hugo não tem simplicidade, nem ironia. Divaga ás vezes ácerca d'uma arvore, ou sobre o canto musgoso d'um muro como o clamore o estonteamto d'um propheta. É porque Hugo, como todos os prophetas, vive na chamma d'uma ideia unica — a pelja vehemente do Homem e do Fado. Ella é a companheira espectral da sua vida: surge-lhe de repente detraz das cousas mais singelas, sollicitando-lhe a commiserção ou a ira: — e assim, na ragem que geme sacudida pela tormenta elle sente logo as lamentações d'uma multidão oprimida, e não pode debrugar-se sobre um berço adormecido, sem que tanta paz lhe recorde as violências que revoltam o mundo. E falta tambem a Hugo a ironia: testemunha d'essa contenda de que o seu olho de vidente julga surprehender a cada instante os invisíveis e terríveis episodios, elle permanece n'um perpetuo estado de vibração tragica — em que se não poderia jamais produzir a ironia.

Esta ausencia d'ironia, faz de certo cahir o grande poeta em grandes fraquezas, não sendo d'ellas a menor esse payor misturado de adoração que lhe inspira o Universo — que nos parece, a nós, tão anti-scientifico. Nem de nós, com effeito, que fizemos com honra o nosso exame d'introdução aos tres Reinos, imaginaria jamais que nas fibras da origem, que Hugo tão grandiosamente e espavoridamente invectiva nas *Contemplations*, se debate presa, e para sempre enfiada de colera, a alma negra de Judas. Nós, infinitamente mais instruidos, conhecemos, graças a Deus, a honesta natureza da origem, — e estamos ao facto de que Judas foi apenas talvez um patriota exaltado e insensado. Encontrando aos pés uma pedra, nós não ficamos: n'um tremor d'emoção, a interpellamos em violentas estrophas á espera que uma voz de dentro responda revelando o ineffavel mysterio: homens positivos, as pedras utilisamos para levantar mais o nosso muro ou apedrejar mais o nosso semelhante. Mas um alto espirito poetico que n'um perpetuo arranque, quer penetrar para alem do mesuravel e do tangivel, decifrar a pedra e tocar no segredo das cousas — se não produz resultados que a sciencia possa registrar, sobre mais que nenhum outro espirito creado até ás proximidades d'esse Ideal a que nós damos, por convenção, o nome tradicional e theologico de « Deus... ». E se esse ancioso esforço para chegar á beira de Deus, como diz Proudhon, não faz que a terra não dê mais frutos, nem que decresçam as dores humanas — promove uma alta educação espirital, levanta os corações, eleva da pesada materialidade para as formas mais bellas e mais puras do pensar e do sentir, e dá docemente a vida não sei que gosto divino... Hugo é de todos os poetas aquelle que no seu ardente idealismo mais chegou á beira de Deus.

Este soluço agitado que seia através de toda a obra d'Hugo parece tirar-lhe a superior serenidade — que é a belleza soberana da Arte. Mas serenidade não é indifferença. Nada havia mais sereno (se V. me permite esta livre comparação) que Minerva, padroeira d'Athenas; e todavia, como V. sabe, ella ingeria-se nas contendas dos povos, arrebatava os cabellos dos heroes, e batue-se furiosamente, armada de diamante, em Salamina e em Plotea. A sua immortal serenidade consistia em que todas as suas acções de Deusa concorriam n'uma bella harmonia para um fim justo e bello — a independencia e a gloria d'Athenas, o victorioso aperfeiçoamento da sua raça humana, a pacifica efflorescência do seu genio equilibrado, a concertada magestade da sua república — e a paz de formas como o frontão d'um templo. Assim succede com a massa d'Hugo: couraçada d'ouro,

ella trespassa de flechas os oppressores, geme sem fim sobre os vencidos, perturba toda a Natureza, revolve toda a Historia; mas este apparente delirio tende a um fim de excelsa serenidade — a concórdia universal, a resgatadora egualdade, o reino imperioso da Justiça... E este Paraíso prometido pelo poeta, distante como está, banha toda a sua obra d'uma immortal claridade — que é a essência da serenidade.

E a alta belleza da obra d'Hugo, está justamente n'este forte optimismo, esta grandiosa fé no Homem, a certeza radiante de que elle triumphará das fatalidades e dos captivos. O que apenas destrói talvez — é o excessivo papel que elle dá á França no libertamento definitivo da humanidade.

De certo, educado por Hugo, eu creio piedosamente no Messianismo da França. Ninguém mais do que a França tem contribuído para fazer do rude barbaço do século VI o homem culto do século XIX. Ella possui os mais puros graus essas divinas qualidades espirituas de *docura e luz* que são os mais penetrantes agentes da educação humana. Ninguém como ella deu ao mundo a grande lição da egualdade; e a egualdade é de certo a maior evidencia de civilisação. Mas, mesmo amando-se a França, não é possível acceita-la, tal como Hugo a concebia, e como a pintou em versos bem conhecidos — coberta d'ouro e de sinopla, vindo a combater só em campo o grande combate, seguida submissamente por um leão familiar que é Deus. A criação do Paraíso humano, se ella é de todo realisavel, não será obra exclusiva da França armada trazendo Deus ázaz, como um molosso de batalha; — mas será obra collectiva de nós todos, latinos e saxonios, que pertencemos a essa Nação brilhante de claridade, sem fronteiras e sem capital, que se chama o Espiritualismo...

Em todo o caso foi este Messianismo da França, sem cessar e esplendidamente cantado aos ouvidos francezes como um Acto d'Esperança, que tornou Hugo tão prodigiosamente amado em França; além da necessidade que a França teve, depois da derrota de 1870, d'oppor á supremacia politica d'Allemannia uma supremacia intellectual, encarnada, como pedía o instinto latino, não n'uma classe, mas n'um heroe. De resto, é Hugo perfeitamente um francez, um gaulez? Antes me parece ás vezes celta e teutonico. O seu genio sombrio; a sua visão descommunal; o seu inquieto espiritualismo; esse esplendor de linguagem que torna as suas ideias difficeis de circulação, por que em vez d'essa ligeireza de medallha, que dá ás ideias francezas a sua facilidade de transmissão, ellas offerecem a pesada complicação d'um monumento — tudo isso se me affigura estar em contraste com o espirito francez definido, sobrio, exacto, regular, claro, terço e positivo.

Elle mesmo diz algures que Hugo é um nome saxonio. Pelo paé, pertence aos Vosges, terra de gente tenaz; d'ahi herdou talvez o seu ferreo heroismo de vontade. Pela mãe era da Bretanha, o reino poetico das sete florestas, a mais bella das quas, a de Brocelande, pertencia de direito ás Fadas; d'ahi tirou talvez a sua vasta e umbrosa imaginação. No fundo todavia é bem francez, e tem as duas qualidades latinas — ordem e luz. Ha symetria no seu delirio; e as suas mais violentas concepções são repassadas de luminosidade interior.

Uma grandeza d'Hugo, bem franceza, é a sua larga clemência, a sua infinita piedade pelos fracos e pelos pequenos... E n'isto a sua ascendencia pesou consideravelmente sobre o século. Hugo de certo não inventou a misericórdia; mas popularisou-a. No proprio Evangelho, ainda ha muita colera: Jesus tem palavras inextinguíveis de condemnção e castigo. Hugo, sobre tudo na sua velhice, tinha chegado a um tal estado de « piedade suprema » — que perdoava mesmo aos tyrannos, aos ferozes exterminadores de povos, e aos monstros. E a sua justificação de Torquemada, que queimava por amor,

para purificar a creatura e dar-lhe a tranco d'uma angustia fugitiva a bemaventurança eterna, constitue, além d'uma obra d'arte incomparavel, o ponto culminante da excellencia moral d'Hugo. Elle deu um profundo abalo de compaixão á alma humana: a *philantropia*, que é a aurora confusa e vaga do Socialismo, coincide, como pratica social, com a sua predicação lyrica da Bondade. O seu nobre clamor pelos fracos penetrando as almas, terá uma acção nos codigos: — e por que um poeta cantou, o mundo torna-se melhor.

Por uma razão parallelá eu considero como eminentemente fecunda a acção politica d'Hugo. No seu tempo Hugo não era um homem d'Estado, como Turgot: Hugo é o barão da Democracia. A elle não compete organisar; compete annunciar. Elle prega, n'um radiante lyrismo, o advento do Reino do Homem; e a sua voz rythmada chama a elle as multidões. As instinctivas massas humanas não se movem senão pela imaginação e pelo sentimento: a logica persuade o homem culto, mas não converte o simples. Um apello á Liberdade e á Justiça, feito em estrophes que seduzem como as antigas « vozes do céu », arebata turbas, que longos volumes de philosophia deixariam indifferentes. Quando se quer fazer marchar um regimento não se lhe explica, com a subtilidade d'um protocolo, os motivos que levam á guerra; desdobra-se uma bandeira, faz-se soar um clarim, e o regimento arremente. O Christianismo foi feito assim, com imagens, com parabolas, com declamações. Todavia no tempo de Jesus, antes d'elle, houvera homens como Hillel, Schammai, e o nobre Gamaliel, cujas predicas continham já todas as sementes do Christianismo: mas quél gran doutores, argumentadores, politicos, homens praticos. Ninguém os escutou. Surge um inspirado, lá do fundo da Galilea, que vem fallando vagamente de piedade, de amor, de fraternidade, e do Reino delizioso de Deus — e o mundo maravilhado deixa os velhos cultos e as velhas occupaões e vai atraz d'elle, preso para sempre. São os hymnos que fazem as revoluções: — e não conceder influencia social a Hugo, por que elle não escreveu como Stuart Mill, parece-me não querer perceber que em todos os movimentos sociais o mais poderoso agente é o sentimento, e que tão benemerito á da Democracia aquelle que a recruta cantando, como aquelle que legislando a torna depois estavel e forte.

Esta carta, caro amigo, começava para lhe recusar, como inúteis e pouco originaes, as minhas impressões de sectario, vae descahindo n'uma infundavel jactancia ao Altissimo Poeta. E ao terminiar, recordando esta immensa obra, tão espolhada gloria, pergunto o que ficará d'aqui, a seculos, de Victor Hugo? Talvez apenas o nome — como ficou o de Homero, o d'Eschylo, o de Dante. Com o longo volver dos tempos, os nobres genios que fizeram vibrar mais fortemente a alma do seu tempo, passam pouco a pouco a ser apenas — o estudo dos commentadores. Propheta popular outrora, acclamado nas praças — hoje in-folio de bibliotheca, a que só a alta erudição sacode o pó. Quem lê hoje Homero? Quem lê Dante? Qual de vós, qual de nós, leu a *Odyssee*, e os *Sets deante de Thebes*, e *Sophocles*, e *Tacito*, e o *Purgatorio*, e os dramas historicos de Shakespeare, e até Voltaire, e até Camões? De certo, tem-se opiniões sobre o « nobre estilo de Tacito », e a « ironia d'Aristophanes »; mas essas sentenças transmitem-se, já feitas, para uso da Eloquência, um pouco apagadas e cheias de verdades, como os patacos que vão de mão em mão. Cita-se Virgilio — mas lê-se Daudet.

Apenas, aos vinte annos, ao entrar para uma Universidade, no comeco d'uma carreira de letras, se abre aqui e além esses que chamamos « os classicos », e se percorre distrahiadamente algum episodio mais famoso — como o de *Francisco de Rimini* ou uma arenga do *Cid*. Depois só se torna a encontrar o grande Poeta ou o grande Drama mais tarde, n'uma sala, sobre a



meza, com illustrações d'um Doré, uma encadernação tão dourada como a caixa d'uma múmia egypcia, e servindo d'ornamento ao lado d'um coze de madim ou de rosas frescas num vaso da China. A Divina Comedia, o D. Quixote, a Ilíada, são hoje, e não ser para os comentadores, ou para espiritos requintadamente litterarios — volumes decorativos. A multidão conhece apenas Hamlet por o ver constantemente em oleographias, vestido de negro, entre a neve d'um cemiterio, com a caveira de Yorick na mão. E Fausto escaparia da nossa memoria — se não se apresentasse todas as noites deante dos lustres, a contar-nos, ao som dos violoncellos, os anecdotas da sua vasta alma, arranjados em arias e em valses onde se embala o sciatar das mulheres.

Todavia uma cousa fica dos grandes genios: o contorno lendario da sua personalidade. É como um retrato moral que se fixa na imaginação, e que se vai reproduzindo através dos tempos: assim perpetuamente vemos Dante nas suas longas vestes funebres, livido, e sinistro, e contemplado nas ruas com terror, como aquelle que voltou do inferno. E essa imagem material tomo o homem de genio tanto mais popular nas gerações futuras, e tanto mais amado, quanto ella mais symbolisa a attitudie moral que o seu espirito tomava no serviço da humanidade: assim veneramos a figura de Voltaire, que invariavelmente nos apparece na sua poltrona em Femay, saltando de labios que sorriem sempre, e que já não podemos conceber senão a sorrir, esses epigrammas que iam ferir mortalmente no flanco a Velha Sociedade.

Por isso, eu supponho que d'aqui a quinhentos annos, apezas se saberá o nome d'Hugo. A mocidade nas suas primeiras curiosidades litterarias lerá uma ou outro das suas poesias lyricas: e só, confusamente, se conhecerá quem era Jean Valjean ou Triboulet.

Mas a sua personalidade será sempre lembrada: e eternamente será visto, em infinito gloria, como elle mais impressionou o seu seculo, — não pacifico e ancestral, cercado da idolatria de Paris — mas longo, na sua ilha de Guenersey, sombrio e agitado, lançando imprecções contra os tyrannos, defendendo todos os opprimidos, e por sobre o rumor do mar fallando aos homens, esplendidamente, de Piedade, de Paz, de Fraternidade, de Liberdade e de Perdão.

Bristol 20 julho 1885.

ERCA DE QUEIROZ.

## BRANCA VISÃO

Do fim do dia á hora pensativa,  
Quando da noite vem cahindo o manto  
Por sobre a terra em paz, doce quebranto  
Nos traç a luz ao longe fugitiva,

E então no silencio, ó casta diva,  
Do crepusculo da tarde, meigo e santo,  
Que eu te vejo, suave como um pranto  
D'um anjo, ou de mulher contemplativa.

Eyho-primeira trazendo a loura trança  
Nupcias d'ouro ao vento desprendida!...  
Dás-me um sorrir, depois, Tajah herança

D'um anjo que, ao morrer, em despedida  
Deixou-te... E junto a mim ficas creança  
Fallando... co'a cabeça a mim pendida!...

Porto,

P. DO R.



A primeira condição d'um jornal diário, e de apparecer todos os dias: — direi mais, e talvez a sua unica condição!

ALBINO KAKR.

Ha reputações fundadas sobre a estopada, escriptores que o publico prefere admirar — a lél-os...

LOEM.

A historica fallava-vos dos outros, o romance fallava de vós.

LOEM.

Não ha em França uma unica cousa grande, boa ou mal, em politica, em litteratura, em arte, que não tenha sido inspirada por uma mulher.

LOEM.

O que se chama em geral retrato: é o conjunto de dois olhos, d'uma bocca e d'um nariz, que, se alguma vez chega a parecer-se com alguém, infelizmente não é com a pessoa que esteve collocada diante do pintor.

LOEM.

A vida deve ser uma illusão incessante: é preciso saber tudo, para depois fallar até morrer.

FLAUBERT.

As mulheres pensam com o coração e enganam-se muito menos que os homens, que pensam com a cabeça.

LESCURE.

Tudo o excesso de prazer é compensado por uma somma igual de trabalho e de aborrecimento. Não se gasta impunemente n'um anno, uma parte dos rendimentos do anno seguinte.

SWIFT.

Nada se parece tanto com um asno vestido com elegancia, do que um mau livro bem encadernado.

ALFRED SCHOLL.

Nas cinzas d'uma correspondencia destruida, ha sempre varias parcelas de duas almas.

TH. GAUTHIER.

De todos os luctos, e unico que mais inconsolavel deixa verdadeiramente o homem é o da mocidade.

CHATELAIN.

Os revolucionarios politicos parecem-se bastante com estes regadores das estradas e das ruas, que podem fazer lama quando ha sol, mas que não sabem fazer sol quando ha lama.

ALAN DUMAS.

A timidez e a pobreza são os dois grandes obstaculos em amor.

MICHAUD.

O Intellecto parte para a Verdade, o Gosto mostra-nos a Belleza, e o Senso moral ensina-nos o dever.

ERICHSON ALON.

Quando um poeta quer attornir um fim moral, diminuo a sua força poetica: não é imprudente apostar que a sua obra ha de ser má.

LOEM.

O principio da poesia é, estriatamente e simplesmente, a aspiração humana para uma belleza superior.

LOEM.

## O PASSADO

As fregas do salão de galas douradas,  
Campeões pedestres de brancas esculturas.

Vem-se na parede espelhos deslumbrantes,  
Reflectindo o fulgor das grades scintillantes.

Cadeiras Respaldo de nittos lances:  
Pinturas de valor: formosos contadores.

Em columnas gentis, graciosas, rendilhadas,  
Destacam-se jarrões de loças variegadas.

Da espalosa janella do pargue sobranceira,  
Nos antigos glances, vejo: uma roqueira.

No saluado salão mal eu havia entrado,  
Dominante o passado, esplendido passado.

E julgo: vêr surgir, suave, nesse instante,  
Uma allegre visão d'um tempo já distante.

Fidalgas virginsas, esvelas, poltrilhadas,  
Esquavam sorrindo as galas namoradas.

De fidalgas gentis e nobres conselheiros,  
Com humor jovial nos rostos prazenteiros.

Deslombrosa o primor das vestes roçagantes,  
E o notavel fulgor dos nittos diamantes.

Fineite-me a janella e um jardim florido,  
Como que ouvi soar um canto dolorido.

Dominavam todo a diluida illusão,  
Palpitavam ancioso o vasto coração.

No silencio da sala então distinctamente,  
Um grace som ouvi, merencorio e plangente.

Do eburneo contador no mármore de rosa,  
Um relógio soltava a nota dolorosa.

E julgo: que este som dolente e requetorado,  
Conduzia até mim a sombra do passado.

Porto, 1885.

ALFONSO ALVES.

## A PASTA EPILATORIA DUSSEY

Para livrar o rosto dos cabellos superfluos, a PASTA EPILATORIA DUSSEY é d'uma perfeita efficacia, e offerece além de outras esta grande vantagem de ser exempta de toda a acção chimica, e por consequencia absolutamente inoffensiva. — (1, rue Jean-Jacques-Rousseau, e em todas as principaes perfumarias de França e do estrangeiro.)



HOTEL LUZO-BRASILEIRO  
PARIS

30, Rue Montholon, 30

## LAPIERRE

Tem a honra de participar ao publico que tomou novamente a direcção d'este estabelecimento muito frequentado em Paris pela colonia portugueza e brasileira.

KAROE  
Pilulas Rébillion

Com INDIETO DUPLA DE YERO e QUININA

Eficacia seria a Chloroform, Flores brancas, Suppuração e deodorante da menstruação, Doença do peito, Dor de estomago, Gastralgia, Rachitismo, Escorbuto, Febres simples, Doenças nervosas.

He o unico remédio que se deve empregar sem receio de qualquer outra substancia.

Ver o folheto que acompanha cada frasco

Venda nos Atouros em PARIS:

Cm. VIMARD & PETIT, 4, rue de Paris-Royal

Depositos Rio-Janeiro e nas Províncias, em todas as Pharmacias e Droguarias.

## MEDALHA D'IPLOMA de HONRA



O G. CHEVRIER  
é designado, pelo Alcaide, deite e honorario,  
a quem compete as attribuições de Chefe.  
O G. CHEVRIER de BACALHAU TENDRADO  
é a unica autoridade com poderes de chefia e Tendo  
nos seus poderes Pleno de Voto, nos Comendados.  
Deposito geral em PARIS: Rua de Paris-Royal, 23

ULTIMA PRODUÇÃO  
PerfumariaIXORA  
ED. PINAUD

PERFUMISTA

SABONETE ..... IXORA  
ESSENCIA ..... IXORA  
AGUA de Tonicador ..... IXORA  
OLEO para os Cabellos ..... IXORA  
PÓS de AROS ..... IXORA  
COSMETICO ..... IXORA

37, Boulevard de Strasbourg, 37  
PARIS

## Academia de Medicina de Paris

**O REZZA**  
Agua Mineral Acido-Ferruginosa — Esta Agua não tem rival no Tratamento das Gastralgias, Chloroses, Febres, Anemias, e de todas as doenças provenientes de EMPORRECIAMENTO DE SANGUE.

L'Imprimeur-Gérant: P. MOULLOT.

## CALLIFLORE

Fleur de Bellone

PÓS ADERENTES e INVIETIVIS  
Grupos ao novo modo porque se exprimem sem  
por decomposição no rosto uma maravilhosa e delicada  
beliza e deixam um perfume de esquisita suavidade.  
Além dos brancos, de natural pureza, ha outros de  
quatro matizes diferentes, Rosal e Rose, Seta e  
maiz pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada  
pessoa escolher a de que mais lhe convierem ao rosto.

## AGNEL, Fabricante de Perfumes, em PARIS

FABRICA &amp; EXPEDIENTES: 18, AVENUE DE L'OPERA

E HA ENTRA Seta Coisa de vender por milão nas melhores lojas de Paris.

## PATE AGNEL

Amygdalina &amp; Glycerina

Este excellente Cosmético branqueia e  
amacia a pelle, preserva do Cleiro,  
Irritações e Comichões tornando-a  
avelludada; pelo que respeita ás mãos,  
dá solidez e transparencia ás unhas.

## ALIMENTO PARA AS CRIANÇAS

Alimento das senhoras e das pessoas jovens.

PARA fortificar as Crianças e as pessoas fracas do peito, do estomago,  
ou que sofrem de Chlorose ou d'Anemia, o melhor e o mais agradável alimento é  
o RACHOIT dos ARAIES, alimento nutritivo e reconhecido de  
DELAURENCHIEU, de Paris. — Repellido em todas as Pharmacias do Brasil.

## OPPRESSÕES ASTHMA NEURALGIAS

TOSSE CATARRHO, CONTRAÇÃO DO PEITO, DOENÇA DO CORAÇÃO

Aspirando e fumando, postura no Peito, calma o sistema ner-  
voso, facilita a expectoração e favorece as funções dos or-  
gãos respiratorios. — Emprego de 1 a 2 cigarros.

Venda por maior 400, rue Saint-Lazare, Paris.

Em suas principais Pharmacias do Funchal: 2 fr. o caixa.



## NOVAS SORVETEIRAS TOSELLI

Unico aparelho de familia

Recomendado pelo Jury

na EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE 1878.

Para gelar de leite e produzir o  
sorvete empregando misturas in-  
finitas. Esta machina é uma simpli-  
cidade em geral, dá os mais satisfa-  
torios resultados com uma economia  
de segurança e uma promptidão  
incroyavel. — 106, Rue Lafayette.

J. BUSTIN 1<sup>a</sup>, 5, Boulevard de la Chapelle, PARIS

Recompensa Nacional 16,600 fr.

QUINA LAROCHE  
ELIXIR VINOSO

[RECONSTITUENTE E NUTRIÇÃO]

Enfraquecimento, Doenças do Estomago

Fiebre intermitente, etc.

QUINA LAROCHE  
Elixir Vinoso  
FERRUGINOSO

Pobresa do Sangue, Anemia, Chlorose,

Debilidade, etc.

PARIS, 22, rue Drouot, e Pharmacias.

## MACHINAS para Telhas e Tijolos

Modelos de Ouro — Premio na Exposição Universal de 1878

BOULET, LACROIX & C<sup>ie</sup>

Constructores-Mechanicos

23, rue Etienne-Martin, 23, PARIS

Machina e CATALAN ELABORADO e quem pois por carta registrada.

Tratamento curativo PHTISICA PULMONAR e das AFFECÇÕES chronicas das VIAS RESPIRATORIAS

Vinho Creosotado

CAPSULAS MOLLES

BOURGEAUD

CREOSOTE VERDADEIRO

(do Alcaide de Paris) O G. CHEVRIER de BACALHAU TENDRADO

Recomendado pelo Jury na Exposição Universal de Paris 1878

BOURGEAUD, Pharmacia de 3<sup>a</sup> classe, Fabricante de Capsulas Molles, Parapharmacia de 3<sup>a</sup> classe de Paris

PARIS, 20, rue Saint-Lazare, 20, PARIS

Estas Capsulas Molles e O G. CHEVRIER de BACALHAU TENDRADO e a Pharmacia de 3<sup>a</sup> classe de Paris, 20, rue Saint-Lazare, 20, PARIS, são as unicas preparações de creosoto e de capsulas molles que se encontram em França e em todo o mundo.

Depositos em Rio-Janeiro e nas Províncias, em todas as Pharmacias e Droguarias.

Proprio de cada Capsula: 1 fr. VINHO DO G. CHEVRIER de BACALHAU TENDRADO

EXPOSITION UNIV<sup>rs</sup> 1878

Médaille d'Or Croix de Chevalier

LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES

Gottas Concentradas  
E. COUDRAY

PERFUMES DA MODA PAR LENO

Estes perfumes reduzem a um par lenço

um muito mais duradouro e mais

suave no uso que todos os

outros extratos de cheiros conhecidos até agora

ARTIGOS RECOMMENDADOS

PERFUMARIA DE LACTEINA

Recomendada pelas Dilectissimas Mães.

AGUA DIVINA d'Ala agui de sante.

OLEOCOME para a beleza dos cabelos.

ESTES ARTIGOS ALUM-SE NA FABRICA

PARIS 13, rue d'Amphion, 13 PARIS

Depositos em todas as Pharmacias,

Pharmacias e Cabelheiras de America.

DIGESTOES ARTIFICIAES

VINHO

3<sup>a</sup> DIGESTIVO DE

CHASSAING

PEPINA e COM DIABASE

Agua mineral e digestiva de

DIGESTAO

20 ANOS de sucesso

DIGESTOES INFINITES

OU INCOMPLETAS

MALES DO ESTOMAGO

GASTRITAS, GASTRALGIAS

PERDA DE APETITE, e das FORÇAS

MAQUETA, CONSUMÇÃO

CONVALESCENÇAS LENTAS

NOMOS, etc.

PARIS, 6, Avenue Victoria, 6, Paris

Atte-vo em todas as principais Pharmacias.

ECONOMIA DE TEMPO

## O PREGUEADOR MAGICO

Indispensavel ás familias.

collegios, artil, erditas, xararima

e todos os meios de escape bronca

Permitido economizar facilmente em pro-  
prio minuto, contanto o exposto da vida,  
em segundo a gente de cada um, pois a uni-  
lidade de peças, rubros, solas simples,  
dobrados, verticais, obliquos, matos, etc.

Preços em moeda forte

Pregueador vertical, 50000; Pregueador

horizontal, 40000; Pregueador alto, 40000;

Seria completa, 50000.

EXCLUSIVO DA VENDA EM PORTUGAL

Empresa Haza Remissiva, Rua de Alameda, 48

Os pedidos no Imperio de Brasil podem

ser feitos por meio da Typographia Literaria

Fluminense, Rua Seta de Setembro,

81, Rio de Janeiro.

JOAQUIM DE ARAUJO

LYRA INTIMA

UN VOLUME DE PERIOS

Relatório de 1800 e 1801

Preço de cada livro

A' venda na Empressa Haza Remissiva, Rua de Alameda, 48, Lisboa